

# CLÍTICOS NO TEATRO PORTUGUÊS QUINHENTISTA: VARIAÇÃO E GRAMÁTICA NAS TRAGICOMÉDIAS ROMAGEM DOS AGRAVADOS E SERRA DA ESTRELA<sup>1</sup>

Mireia Lêda Silva Santos<sup>2</sup>, Cristiane dos Santos Namiuti<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir a relação entre a sintaxe dos pronomes clíticos e o estatuto gramatical dessa sintaxe na peça Vicente de Gil Vicente: Tragicomédia Serra da Estrela e comparar com resultados obtidos em pesquisa anterior (SANTOS, 2023) com relação à sintaxe dos clíticos na Tragicomédia Romagem dos Agravados. A respeito disso, a obra de Gil configura-se um local privilegiado para se investigar as possibilidades de variação entre gramáticas, haja vista que retrata a fala de personagens de distintos estratos sociais, de modo que possibilita dar continuidade a investigação da sintaxe dos clíticos no Português Clássico, contribuindo com a pesquisa sobre as gramáticas que figuraram na diacronia da língua. Verificamos que a colocação de clíticos na peça do teatro Vicentino é predominantemente proclítica nos contextos de variação I e enclítica nos contextos de variação II, resultado que corrobora a hipótese de Namiuti e Cruz (2023), preconizada em Galves (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Gramática, Português Clássico, Pronomes Clíticos.

## CLITICS IN 16TH CENTURY PORTUGUESE THEATER: VARIATION AND GRAMMAR IN THE TRAGICOMEDY SERRA DA ESTRELA

## ABSTRACT

The present work aims to discuss the relationship between the syntax of clitic pronouns and the grammatical status of this syntax in Gil Vicent's play: Tragicomedy *Serra da Estrela* and compare with results obtained in previous research (SANTOS, 2023) regarding the syntax of clitics in the Tragicomedy *Romagem dos Agravados*. In this regard, Gil Vicent's work is a privileged setting to investigate the possibilities of variation between grammars, because it portrays the speech of characters from different social strata, in a way that makes it possible to continue investigating the syntax of clitics in Classical Portuguese, contributing to research on the grammars that appeared in the diachrony of the language. Thus, we verified that the placement of clitics in the Gil Vicent's theater play is predominantly proclitic in variation I contexts and enclitic in variation II contexts, a result that corroborates the hypothesis of Namiuti and Cruz (2023), advocated in Galves (2015).

KEYWORDS: Classic Portuguese, Clitic Pronouns, Grammar.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se a um projeto maior denominado “Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas”, o

---

<sup>2</sup> Estudante de Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

<sup>3</sup> Professora do DELL – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB

qual vem sendo desenvolvido no Lapelinc<sup>1</sup>, e dá continuidade à vertente linguística desse projeto temático, mais especificamente à pesquisa em Sintaxe, em diálogo com a Linguística de Corpus.

Em “A Língua de Gil Vicente” Teyssier (2005) enfatiza a relevância que os diferentes personagens de Gil Vicente têm para a investigação sobre a língua, uma vez que os traços linguísticos dos figurados contribui para a testagem de inúmeras hipóteses acerca da(s) gramática(s) que subjazem a língua no Português Clássico e sua relação com a variação Linguística. Conforme aponta Martins (2011), o teatro vicentino, de maneira geral, apresenta uma alta frequência de ênclise, lançando a hipótese de uma gramática popular distinta da que subjaz os demais textos literários da época. O levantamento de Martins contraria o padrão proclítico encontrado por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) nos demais textos do período.

Namiuti e Cruz (2023) analisaram a variação de ênclise e próclise em dois autos Vicentinos, “A Barca do Inferno” e o “Auto da Freira”, e verificaram que as frequências de ênclise e próclise não são afetadas pelo fator social, mas sim pelo fator sintático.

Nesse trabalho será apresentado os resultados da investigação da colocação de clíticos na tragicomédia “Serra da Estrela”, peça que foi representada à corte do rei D. João III, em 1527.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Com o fito de conhecer e discutir melhor a obra de Gil Vicente e o referencial teórico essencial para a pesquisa de iniciação científica, a metodologia do trabalho pautou-se em reuniões para leitura e discussão do material básico para iniciarmos a pesquisa.

Para levantamento dos dados, foi utilizada o Corpus Histórico de Português Anotado Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>), o qual disponibiliza uma transcrição fidedigna do teatro de Gil Vicente, inclusive da tragicomédia “Serra da Estrela”, corpus de estudo deste trabalho. Os dados foram extraídos manualmente mediante a leitura da respectiva obra e tabulados em arquivo Excel. Para a descrição da colocação dos clíticos usamos os seguintes fatores: (1) identificação do personagem; (2) o tipo de clítico; (3) a colocação pronominal (enclítica ou proclítica); (4) tipo de oração; (5) tipo de contexto sintático em relação à obrigatoriedade da colocação e à possibilidade de variação, seguindo a classificação de Galves (2015); (6) tipo de predicado; (7) modo verbal.

Os contextos sintáticos foram classificados em relação a possibilidade de variação da colocação do pronome átono em:

Contextos categóricos de próclise: Orações subordinadas e orações principais introduzidas por advérbios proclisadores.

Contextos categóricos de ênclise: Orações com o verbo em primeira posição absoluta.

Contextos de Variação I: Orações principais introduzidas por sujeito neutro, adjuntos, advérbios que permitem a variação de objetos fronteados.

Contexto de Variação II: Orações coordenadas introduzidas somente pela conjunção coordenativa e orações principais ou coordenadas introduzidas por oração adjunta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram atestados no auto 125 dados com clíticos acusativos e dativos de primeira, segunda e terceira pessoa, sendo 76 em contexto de próclise categórica (ex. 1), 17 em contexto de ênclise categórica (ex. 2), 21 casos de próclise em contexto de variação I (ex. 3), 7 casos de ênclise em contexto de variação I (ex. 4), 2 casos de próclise em variação II (ex. 5), 3 casos de ênclise em variação II (ex. 6).

(1) Que me vem a dar tormento (Gonçalo)

(2) Aborrece-me Gonçalo (Cate)

(3) Eu vos direy como foy (Par)

(4) Eu andote namorando (Rodr)

(5) & te diga tirte la (Rodr)

(6) & faloulhe El Rey já (Felipa)

Conforme demonstram as tabelas 1 e 2, a próclise é predominante nos contextos de variação I com frequência de 0,75 e a ênclise é predominante no contexto de Variação II com frequência de 0,6.

**TABELA 1:** Próclise e ênclise em contexto de Variação I

| Posição do Clítico | Ocorrências | Frequência |
|--------------------|-------------|------------|
| Próclise           | 21          | 0,75       |
| Ênclise            | 07          | 0,25       |
| Total              | 28          |            |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

**TABELA 2:** Próclise e ênclise em contexto de Variação II

| Posição do Clítico | Ocorrências | Frequência |
|--------------------|-------------|------------|
| Próclise           | 02          | 0,4        |
| Ênclise            | 03          | 0,6        |
| Total              | 05          |            |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na tragicomédia *Romanagem dos Agravados* foram atestadas na peça 203 dados com clíticos acusativos e dativos de primeira, segunda e terceira pessoa na fala dos figurados, sendo 124 em contexto de próclise categórica (ex.7), 37 em contexto de ênclise categórica (ex.8), 25 casos de próclise em contexto de variação I (ex.9), 8 casos de ênclise em variação I (ex.10), 1 caso de próclise em variação II (ex.11), 8 casos de ênclise em variação II (ex.12).

- (1) Que *me tira* a deuaçam (Ioam Martinheyra)
- (2) *Foges me* sabendo certo (Colo)
- (3) Eu *to direy* muyto prestes (Bran)
- (4) & eu *querolhe* mal mortal (Colo)
- (5) E er também per razão qu' ela assi é pertelhoa, *lhe merquey* eu em Lixboa dum que chamam solivão, que faz luzir a pessoa.
- (6) & tangedelhe o atabaque (Bran)

As tabelas 3 e 4 abaixo demonstram que a próclise é predominante nos contextos de variação I com frequência de 0,76 e a ênclise é predominante no contexto de variação II, com frequência de 0,89.

**Tabela 3 –** Próclise e ênclise em contexto de Variação I

| Posição do Clítico | Ocorrências | Frequência |
|--------------------|-------------|------------|
| Próclise           | 25          | 0,76       |
| Ênclise            | 08          | 0,24       |
| Total              | 33          | 1          |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Tabela 4 –** Próclise e ênclise em contexto de Variação II

| Posição do Clítico | Ocorrências | Frequência |
|--------------------|-------------|------------|
| Próclise           | 01          | 0,11       |
| Ênclise            | 08          | 0,89       |
| Total              | 09          | 1,00       |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nesse sentido, ao observar e comparar os resultados de ambos os autos, *Serra da Estrela e Romagem dos Agravados*, nota-se resultados semelhantes com relação aos contextos sintáticos, uma vez que ambas as peças teatrais apresentam próclise superior em Variação I e ênclise predominante em Variação II.

### CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Com a pesquisa, foi possível compreender que a colocação de clíticos é uma peça chave para a investigação sobre gramáticas, no sentido gerativista do termo e, especialmente, sobre as gramáticas que existiram na diacronia da língua portuguesa. Com relação ao Português Clássico, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) apontam que a gramática que subjaz os textos da época gerava uma preferência de próclise em contextos de variação. Os resultados aqui encontrados corroboram a hipótese de Namiuti e Cruz (2023) e Galves (2015), uma vez que sugerem uma língua popular proclítica com predominância de próclise nos contextos de Variação I e favorecimento da ênclise no contexto de Variação II, aproximando esta variedade da língua à variedade dos autores portugueses expressa nas obras literárias da época.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 GALVES, Charlotte Marie Chambelland. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso. In: Cristina Figueiredo; Edivalda Araújo. (Orgs.). **Diálogos com Ribeiro**. Sobre gramática e história da língua portuguesa. 1ed.Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015, p. 61-77

2 GALVES, Charlotte Marie Chambelland., NAMIUTI, Cristiane. & PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada. Em: A. Endruschat R. kemmler e B. Schäfer-Prieß (Orgs): **Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchronie und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

3 MARTINS, Ana Maria. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. **Estudos de lingüística galega**, v. 3, 2011.

4 NAMIUTI, Cristiane. **Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, Negação e Mudança.**(Tese de Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

5 NAMIUTI, Cristiane; CRUZ, Raiana Cristina Dias. O estatuto gramatical da sintaxe dos clíticos em dois autos do teatro de Gil Vicente: competição de gramáticas ou questões de interface? In: Namiuti, Cristiane; Gonçalves, Elisângela (orgs), **Morfologia, Sintaxe e Interfaces**, Pontes. 2023.

6 RAMOS, Noémio. **Gil Vicente, Pastoril Português: os líderes a Arcádia** História da Europa – 23. Faro: BNP, 2017.

7 TEYSSIER, Paul. **A língua de Gil Vicente.** Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa, 2005.